

O amor e o demônio transferencial¹

Vera Pollo

Resumo

O presente texto discorre sobre o amor na teoria e prática analíticas. Primeiramente, justifica a importância do tema na atualidade. Em seguida, traz alguns desdobramentos à expressão “o demônio transferencial”. Argumenta as razões de Lacan para distinguir entre a transferência e a repetição e prossegue na elaboração da tríade amor-ódio-ignorância. Comenta algumas conotações lacanianas do amor e conclui na articulação entre amor, castração e inconsciente.

Palavras-chave:

Amor; Demônio transferencial; Amor-ódio-ignorância; Castração; Inconsciente.

Love and the transference demon

Abstract

This text discusses love in analytical theory and practice. Firstly, it justifies the importance of the topic today. Then, it brings some developments to the expression “the transferential demon”. It argues Lacan’s reasons for distinguishing between transference and repetition and proceeds with the elaboration of the love-hate-ignorance triad. It comments on some Lacanian connotations of love and concludes with the articulation between love, castration and the unconscious.

Keywords:

Love; Transference demon; Love-hate-ignorance; Castration; Unconscious.

1 Uma primeira versão deste texto foi apresentada em 6 de agosto de 2022, a título de aula de abertura das atividades do segundo semestre de 2022 do Fórum do Campo Lacaniano de Juiz de Fora (MG).

El amor y el demonio de la transferencia

Resumen

Este texto analiza el amor en la teoría y la práctica analíticas. En primero lugar, justifica la importancia del tema en la actualidad. Luego, trae algunos desarrollos a la expresión “el demonio transferencial”. Argumenta las razones de Lacan para distinguir entre transferencia y repetición y continúa con la elaboración de la tríada amor-odio-ignorancia. Comenta algunas connotaciones lacanianas del amor y concluye con la articulación entre amor, castración e inconsciente.

Palabras clave:

Amar; Demonio de transferencia; Amor-odio-ignorancia; Castración; Inconsciente.

L'amour et le démon du transfert

Résumé

Ce texte traite de l'amour dans la théorie et la pratique analytiques. Premièrement, il justifie l'importance de cet sujet aujourd'hui. Ensuite, il apporte quelques développements à l'expression “le démon transférentiel”. Il argumente les raisons de Lacan pour distinguer entre transfert et répétition et procède à l'élaboration de la triade amour-haine-ignorance. Il commente certaines connotations lacaniennes de l'amour et se conclut par l'articulation entre amour, castration et inconscient.

Mots-clés :

Aimer ; Démon du transfert ; Amour-haine-ignorance ; Castration ; Inconscient.

“Só se pode viver perto de outro, e conhecer outra pessoa, sem perigo de ódio, se a gente tem amor. Qualquer amor já é um pouquinho de saúde, um descanso da loucura.” Assim falou nosso poeta.²

Precisamos falar de amor. Nos dias de hoje, mais do que nunca, precisamos falar de amor. Pois, se o amor aspira ao desenvolvimento do ser do outro, o ódio quer o contrário, seja seu rebaixamento, seja sua desorientação, seu desvio, seu delírio, sua negação detalhada, sua subversão. É nisso que o ódio, como o amor, é uma carreira sem limite... Não obstante, os sujeitos não têm, nos dias de hoje, de assumir o vivido

2 Guimarães Rosa, em *Grande sertão: veredas*.

do ódio no que ele pode ter de mais abrasador. E por quê? Porque já somos muito suficientemente uma civilização do ódio (Lacan, 1953-1954/1979, p. 316).

Circunscrevendo nosso tempo

Constatamos diariamente a exatidão de uma das previsões de Lacan: a de que viveríamos o século do racismo, pois ele se agravaria cada vez mais. Na última lição de *O seminário, livro 19: ...ou pior*, observando o crescimento da paixão do ódio, ele assim se pronunciou: "...saibam que o que vem aumentando, o que ainda não viu suas últimas consequências, e que, por sua vez, se enraíza no corpo, é o racismo. Vocês ainda não ouviram a última palavra a respeito dele" (Lacan, 1971-1972/2012, p. 227).

Na última quarta-feira, durante a abertura das atividades deste semestre no Fórum Rio,³ nosso colega Sidi Askofaré, que fora convidado para nos falar sobre "Psicanálise e racismo", deu início à sua instigante conferência com as palavras: "Ou psicanálise, ou racismo", indicando, desse modo, que não é possível nenhuma conjunção aditiva entre os dois termos. A psicanálise é uma prática antirracista por excelência, mas isso não significa que seja majoritária em termos de coletividade e que não se deva dizer que vivemos em uma sociedade eminentemente racista.

É claro que a guerra a que hoje assistimos — que se trava neste momento entre russos e ucranianos — tem fortes motivos econômicos. É claro também que ela é a manifestação em larga escala do gozo do poder, mas é, sobretudo, uma prática de racismo. O desrespeito total pela alteridade baseia-se em alegações de diferenças étnicas e linguísticas, as quais expressam e simultaneamente escamoteiam diferentes modos de gozar. Fato é que irmãos assassinam irmãos desde tempos imemoriais, e o que muda são apenas as armas com que os seres falantes se matam uns aos outros. O pior, assassinam-se justamente por serem irmãos, filhos dos engates sociais subjacentes a uma nova "tirania do saber" (Lacan, 1969-1970/1992, p. 32), a qual instalou entre nós o reino da burocracia e o acirramento dos afetos de hostilidade. Resumidamente, somos todos objetos negociáveis e "filhos do discurso" (Lacan, 1971-1972/2012, p. 226).

Como falantes, transformamo-nos em "material humano", expressão que denota a continuidade intelectual entre o pensador político nazista e o gestor neoliberal, posterior à Segunda Grande Guerra. Refiro-me ao livro de Johann Chapoutot, *Libres d'obéir: le management du nazisme à aujourd'hui*.⁴

³ Em 8 de agosto de 2022.

⁴ Paris: Gallimard, 2020. Em português: *Livres para obedecer: da gestão do nazismo aos dias de hoje* (tradução nossa).

O demônio transferencial

Voltemos ao título-tema. Eu havia escrito “O demônio do amor transferencial”, expressão que acabara de encontrar em um artigo *online* de Luciano Elia (2008), e de algum modo me remetia à observação de Lacan que, há tempos, tenho desejo de desenvolver. O comentário de Lacan se encontra nas linhas finais do que chamamos de “a lição única sobre os Nomes do Pai”. Nessa lição, em que Lacan se detém em assustadoras passagens bíblicas, sua palavra final é de que a práxis analítica deve avançar em direção a uma conquista da verdade pela via do engano, pois “a transferência é o que não tem Nome no lugar do Outro”. Então, prossegue: “...nunca, em momento algum, dei-lhes pretexto para acreditar que para mim não havia diferença entre o sim e o não” (Lacan, 1962-1963/2005, p. 87).

Dito de outro modo, a transferência pode fundar-se no engano de acreditar que, mesmo no que diz respeito ao ato, pode não haver diferença entre o sim e o não, o consentimento e a negação. No entanto, a cada vez que o sujeito diz “sim”, ele se nomeia e sai do anonimato. Por isso, Lacan dirá, ao longo dos anos 1950, que o neurótico vive no anonimato, não assume seu nome próprio, uma vez que este lhe advém do Outro parental e traz consigo o enigma do desejo do Outro.

É evidente que essa não foi a última nem a primeira definição que Lacan deu da transferência, considerada por ele, em 1964, como um dos quatro conceitos fundamentais da psicanálise ou, poderíamos dizer, um dos quatro conceitos freudianos, sem os quais a psicanálise deixaria de existir. Sabemos que Freud usou o termo alemão *Übertragung*, transferência, pela primeira vez em sua *Traumdeutung, A interpretação dos sonhos* (Freud, 1969-1976/1900), tendo observado que o assim chamado “processo primário de pensamento” transfere letras e fonemas, isto é, transporta-os de uma a outra palavra, na visada de vencer a censura da consciência.

Mais tarde, quando Freud percebeu que a transferência é condição *sine qua non* do processo analítico, percebeu também alguns de seus efeitos deletérios: a liberação de efeitos sugestivos e passionais, como a erotização do amor. Estes, segundo ele, poderiam e deveriam ser evitados, desde que o analista soubesse manejar a transferência, saber que só lhe poderia advir de sua própria análise. Mas Freud concluíra também que a transferência, fosse ela de amor ou de ódio, subjaz a todo relacionamento humano. Por isso, em sendo predominantemente “negativa”, como nos casos de paranoia, o procedimento analítico estaria inviabilizado.

Talvez possamos dizer que Lacan, mais do que Freud, apostou na existência de um “novo amor”, paradoxalmente tão antigo quanto aquele que votava Dante à sua amada Beatriz. Voltaremos a esse ponto. Não que Lacan considerasse que poderíamos de alguma forma dispensar a transferência e, ainda assim, procedermos ao tratamento analítico. De forma alguma! Mas, na medida em que foi burilando seu próprio conceito de inconsciente, afinando-o, foi burilando também seu con-

ceito de transferência e diferenciando-a da repetição, o real, que, assim como os astros, retorna sempre ao mesmo lugar.

A transferência, não a repetição

Em 1964, a observação de que a transferência é “a atualização da realidade do inconsciente” e de que “a realidade do inconsciente é — verdade insustentável — a realidade sexual” (Lacan, 1985/1964, pp. 142-143) pode ser dita rigorosamente freudiana. E ambos, tanto Freud quanto Lacan, já haviam percebido que realidade sexual está longe de ser sinônimo de distinção homem-mulher do ponto de vista do ato e do gozo sexual. O primeiro destacara o tabu do corpo feminino, o segundo, nessa mesma direção, observara que o falo é “objeção de consciência” (Lacan, 1972-1973/1985, p. 15) à ilusão de um gozo sincrônico, recíproco e/ou complementar.

Todavia, já naquela ocasião, isto é, no decorrer do seu *Seminário, livro 11*, Lacan (1964/1985) não só distingue a transferência da repetição, como também a afasta da sugestão: ou há transferência, ou há sugestão. E chega a mencionar o efeito de transferência como efeito de amor, em decorrência do Sujeito suposto Saber, que é o que verdadeiramente “entra no jogo” (Lacan, 1964/1985, p. 239), ou seja, na partida analítica.

Mas a distinção entre transferência e repetição se tornará mais clara três anos depois, na “Proposição de 9 de outubro de 1967”, quando Lacan (1967/2003) produz o matema da transferência.

Figura 1. Representação do matema da transferência.

$$\frac{S \longrightarrow S^q}{s(S^1, S^2, \dots S^n)}$$

Lacan (1967/2003, p. 253).

Trata-se de enlace entre um significante do sujeito, dito “significante da transferência”, e um significante qualquer do analista. Esse enlace fundamental põe o sujeito em cena como sendo o significado que resulta do deslizamento de suas cadeias de significantes. O inconsciente será, então, definido como “saber insabido”,⁵ saber que não se sabe e do qual, na maior parte dos casos, nada se quer saber.

5 Que se veja, por exemplo, o título de seu *Seminário 24* (Lacan, 1976-1977): *L'insu que sait de l'une-bévue s'aile à mourre*, cuja homofonia na língua francesa: *L'insuccès de l'Unbewust c'est l'amour* traduzimos em português por: *O insucesso do inconsciente é o amor*, sem esquecer que a frase original contém também “o insabido ou malsabido que sabe”, o erro, a besteira, a asa, o voo e o jogo da porrinha, o acaso. E, certamente, outros significantes.

A tríade lacaniana: amor, ódio, ignorância

Opondo-se à ideia freudiana da existência de uma pulsão epistemofílica, como um impulso espontaneamente dirigido ao saber, Lacan conclui que não há, no ser falante, nenhum desejo de saber. Vale lembrar, por exemplo, a importância que ele dá à fala da jovem anoréxica, quando lhe explica a razão de seu sintoma: era-lhe insuportável ter de raciocinar sobre o que significa o ato de comer a cada vez que o praticava. Então, preferiu não comer. Na leitura de Lacan, a jovem preferira “comer nada”, como sustentação do desejo no limite em que este confina com a pulsão de morte, mas que também deixa ver sua função de furo no Outro como campo da linguagem.

Há, então, segundo Lacan, um “horror ao saber”, ou uma “paixão pela ignorância”, a qual, unindo-se ao amor e ao ódio, compõe a tríade identificada na filosofia de Spinoza como “as paixões do ser”. Aliás, conhecemos a esse respeito a condensação lacaniana da *hainamoration*, na qual podemos perceber que o ódio vem antes do amor, o que não acontece em nossas traduções brasileiras de “enamoródio” ou “amódio”. Conhecemos também a condensação proposta por Quinet (2021): o “ignoródio” de nossa sociedade atual.

Tudo indica a existência de um laço estreito entre a paixão do ódio e a paixão da ignorância. Não a ignorância como “douta”, não me refiro aqui à expressão de Nicolau de Cusa (1461-1464),⁶ que aponta, antes, para a aceitação dos limites do saber. Moldura, se assim o preferirmos, do saber não-todo. Colette Soler (2011) faz uma interessante observação a esse respeito no seminário que intitulou de *Os afetos lacanianos*, lembrando que Lacan passou alguns anos sem mencionar o que tem a ver com o ser, porque estava elaborando o inconsciente-linguagem, ou seja, elaborando as dimensões, ou seja, as mansões dos ditos do imaginário e do simbólico. Consequentemente, acentuou a “falta-a-ser” e com ela nomeou a política do analista no escrito sobre “A direção do tratamento”. A “falta-a-ser” devendo, então, ser o guia de toda intervenção do analista, que não pode confundir-se com nenhum objeto de demanda, fetiche ou significante, pouco importa.

Mas Lacan não cessou de falar de amor em definições bem diversas, algumas levemente românticas, como a de “uma pedrinha que ri ao sol”, outras nem tanto, como o ato de “dar o que não se tem a alguém que não o quer”. Trata-se, em suma, de uma demanda intransitiva e insaciável. Concordando com a ideia de La Rochefoucault, ele (Lacan, 1953/1998, p. 265) o cita: “Há pessoas que nunca haveriam se apaixonado, se nunca tivessem ouvido falar de amor.” Ilusória demanda de ser na qual o sujeito busca seu complemento na falta-a-ser do outro, com a esperança de chegar a fazer Um, na ilusória junção de dois. Soler chega inclusive a propor a lista dos adjetivos lacanianos do amor: o amor é narcísico, mentiroso, ilusório, cômico

⁶ Bispo da Igreja Católica Romana, nasceu na Alemanha e morreu na Itália.

e, por fim, impossível. Todas essas conotações do amor podem ser encontradas na obra de Lacan.

Ele não para aí, e um dos pontos interessantes a esse respeito é observarmos o germe de seu trabalho tardio com os nós na lição de 30 de junho de 1954 do *Seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud* (Lacan, 1953-1954/1979). Desde então, podemos ler que o amor se encontra na junção do simbólico e do imaginário, o ódio, na junção do imaginário e do real, e a ignorância, na junção do simbólico e do imaginário. De algum modo, a tríade freudiana acerca dos contrários do amor ativo, qual seja, o amor passivo, o ódio e a indiferença (Freud, 1915/1969-1976), prefigura aquela que a segue: amor-ódio-ignorância (Lacan, 1953-1954/1979). Esta última se esclarece, pois

(...) é somente na dimensão do ser, e não na do real, que podem se inscrever as três paixões fundamentais (...) a dimensão da transferência existe de cara, implicitamente, antes de qualquer começo de análise, antes que a concubinação que é a análise a desencadeie. Ora, essas duas possibilidades do amor e do ódio não vão sem essa terceira, que se negligencia, e que não se nomeia entre os componentes primários de transferência — a ignorância enquanto paixão (...). Nenhuma entrada possível na análise sem essa referência — não se diz isso nunca, não se pensa nisso nunca, entretanto ela é fundamental. (Lacan, 1953-1954/1979, pp. 308-309)

Fato é que os fenômenos passionais nos remetem à religião cristã, a qual considera o demônio como um anjo caído e, por esse motivo, um elemento de mediação entre os mortais e os deuses. O demônio aponta, desse modo, a presença do elemento terceiro na relação entre o sujeito e o Outro real. Ele pode ser visto como o diabo enamorado, da novela de Jacques Cazotte (1776/1992), da qual Lacan (1960/1998, p. 829) extrai o significante da interrogação que será escrito no ápice de seu grafo do desejo: *Che vuoi?* Que queres? Eis a pergunta que o pequeno sujeito endereça ao Outro, que o deixou ver sua própria falta, isto é, seu desejo e sua castração. Vemos, assim, que a pergunta sobre o desejo não é exatamente uma pergunta sobre a demanda, e, sim, na verdade, uma pergunta sobre o gozo oculto: “Por que me gerastes? Para que me queres? Me preferes vivo ou morto?”

Ainda no *Seminário 1*, desde então, se preferirmos, a pergunta sobre o amor se esclarece na afirmação de que: “quando o ser amado vai muito longe na traição de si e persevera na tapeação de si, o amor não subsiste” (Lacan, 1953-1954/1979, p. 315). Em outros termos: o amor não narcísico é sobretudo uma posição ética, consentimento com a falta. Mas se, na vertente estética, o amor do belo pode ser uma defesa contra a castração, um privilégio da boa forma como tamponamento do vazio, é em outro lugar ainda que convém situar o amor à verdade. Pois “a re-

lação analítica se funda no amor à verdade, que quer dizer, o reconhecimento das realidades” (Lacan, 1969-1970/1992, pp. 175-176).

Se Freud criou, em determinado momento, um “perigoso mito de Eros”, conforme as palavras de Lacan (1971-1972/2012), por acreditar em um movimento da pulsão de vida para produzir unidades cada vez maiores, no entanto nada o impediu de concluir o que hoje citamos com frequência por sua triste atualidade, qual seja, a constatação de que a civilização convive com a barbárie. “Pois nem Sócrates, nem Descartes, nem Marx, nem Freud podem ser ‘superados’, na medida em que conduziram suas investigações com essa paixão de desvelar que tem um objeto: a verdade” (Lacan, 1946/1998, p. 194).

Um novo amor ou um amor mais digno?

Antes de chegar ao *Seminário 20*, em que Lacan (1972-1973/1985) trará de fato uma nova concepção do amor, queremos resgatar algumas passagens de outros seminários que, a nosso ver, testemunham o quanto, de fato, ele se deixava interrogar pela paixão. Será que existiu algum seminário em que Lacan não trouxe alguma pontuação ou frase acerca do amor? Não responderemos à pergunta, mas selecionamos algumas dessas frases.

No início do *Seminário livro 8: a transferência* (Lacan, 1960-1961/1992), ele forja a expressão “o milagre da transferência” para o instante em que o sujeito passa do lugar de objeto amado ao lugar de amante, passa de *érômenos* a *erastês*. No mito lacaniano, já que Lacan diz com todas as letras que esse é seu mito, o amor é o encontro de dois gestos no real, o bom acaso, uma *tyché* inesperada e contingencial. Cito-o:

(...) tenho o direito de completar minha imagem, e de fazer dela realmente um mito.

Essa mão que se estende para o fruto, para a rosa, para a acha que se inflama de repente, seu gesto de pegar, de atrair, de atíçar é estreitamente solidário à maturação do fruto, à beleza da flor, ao flamejar da acha. Mas quando, nesse movimento de pegar, de atrair, de atíçar, a mão foi longe o bastante em direção ao objeto, se do fruto, da flor, da acha, sai uma mão que se estende ao encontro da mão que é a de vocês, e neste momento é a sua mão que se detém fixa na plenitude fechada do fruto, aberta da flor, na explosão de uma mão em chamas — então, o que aí se produz é o amor. (Lacan, 1960-1961/1992, p. 59)

No *Seminário, livro 10*, cujo tema é a angústia, Lacan (1962-1963/2005) comenta acerca do amor sublimação como o único capaz de fazer o gozo condescender ao desejo. Vale lembrar que, nesse seminário, Lacan trabalha, do princípio ao fim,

o texto freudiano “Inibição, sintoma e angústia”, chamando a atenção para o que esses três termos apresentam de heteróclito, por corresponderem, respectivamente, aos registros do Imaginário, do Simbólico e do Real. No tempo da angústia, durante o qual se processa a separação entre o sujeito e o Outro da linguagem, a queda do objeto *a* não apenas cria o espaço entredois, como processa a falta, isto é, a hiância, doravante tomada como causa de desejo. Desejo e gozo se diferenciam como marcas singulares — o primeiro, marca de um limite no simbólico, homeostase freudiana; o segundo, marca de uma falta de limite no real, compulsão à repetição que implica o além do princípio de prazer.

Pois bem, nas linhas finais do *Seminário 11*, ou melhor, nas linhas finais, Lacan (1964/1985) observa que o desejo do analista é de “obter a diferença absoluta”, que consiste no confronto do sujeito com o significante primordial. Como entendê-lo? Levantamento do recalque? Encontro com o significante ímpar? Puro som desprovido de sentido? Fato é que Lacan (Lacan, 1964/1985, p. 260) ainda prossegue: “Só aí pode surgir a significação de um amor sem limite, porque fora dos limites da lei, somente onde ele pode viver.” A respeito dessa última frase, Colette Soler (2011) afirma não saber por que nossa comunidade reteve apenas uma parte do sintagma de Lacan “a significação de um amor sem limite”. Retivemos a ideia de um “amor sem limites”, abandonamos a questão da “significação”. A seu ver, associar final de análise e amor sem limites é uma curiosa inversão da observação de Lacan, pois o que de fato se esclarece é a vertente sacrificial do amor.

Seja como for, a ideia de um amor sem limites nos remete também à passagem do *Seminário, livro 15: o ato analítico* (1968), em que Lacan emprega a expressão “um novo amor”, a que já nos referimos. Desta feita, seu poeta de referência é Rimbaud, e ele cita alguns versos do poema intitulado “A uma razão”,⁷ entre os quais podemos ler: “Tua cabeça se desvia, o novo amor. Tua cabeça se volta, o novo amor”. Seria, então, esse amor do poeta a percepção da infinita variabilidade da repetição do mesmo amor? Da impossível repetição do mesmo na semelhança máxima? Mas como esquecer que “há um mundo entre a poesia e o ato”? (Lacan, 1972-1973/1985, p. 98).

Eis que chegamos ao *Seminário 20: mais, ainda*. Nele, encontramos a afirmação, sempre muito citada, de que o amor é precisamente o que vem em suplência à relação sexual (Lacan, 1972-1973/1985, p. 62). Dizê-lo “sempre recíproco” talvez seja apenas outra forma de dizer que, se há “amante”, é porque há “amado”, e vice-versa. Porém, ainda que seja recíproco, Lacan também o observa, o amor é impotente, porque não faz existir a relação que, unindo dois corpos sexuados, alcançaria fazer Um único ser.

⁷ Lacan volta a citar esse poema de Rimbaud na lição de 12 de dezembro de 1972 do *Seminário, livro 20*. E acrescenta: “O amor, nesse texto, é o signo de que se troca de razão, e é por isso que o poeta se dirige a essa razão. Mudamos de razão, quer dizer, mudamos de discurso” (Lacan, 1972-1973/1985, p. 26).

Daí se entende que o amor também pode ser puro “patema”, paixão do corpo, inclusive paixão da ignorância. Não qualquer ignorância, mas a do desejo, uma vez que o desejo é sempre desejo do Outro. E, no entanto, se há reciprocidade, é porque o amor também se escreve. E são tantas as célebres cartas de amor da nossa história ocidental, como as de Abelardo e Heloísa, ou as de Joyce e Nora. Com elas, aprendemos que falar de amor é, em si mesmo, um gozo, mas não é ato sexual. Pois “o gozo do Outro, do corpo do Outro que o simboliza, não é signo do amor” (Lacan, 1972-1973/1985, p. 12).

Por fim, quando o amor é signo, implica o reconhecimento do outro real, o que é bastante raro. É signo de uma percepção do inconsciente e de seus efeitos subjetivos sobre o sujeito. Nesse caso, também se pode afirmar que: se, sujeito da histeria, o que eu amo no outro é sua relação com o saber, e se o inconsciente é um saber fazer com *lalíngua*, o amor é uma relação entre dois inconscientes. E, por isso, ele é, às vezes, tão enigmático, unindo dois ou mais seres falantes que nos parecem tão díspares.

Um analista, é claro, não pode prometer a ninguém que, no final da análise, encontrará um novo amor. Mas pode garantir que, na aceitação da castração — qual seja, a aceitação de que o simbólico jamais cobrirá todo o real e de que tampouco se pode deixar cair todo o imaginário —, o amor pode vir a ser mais digno do que a profusão de falatório em ele vige nos sintomas da neurose.

Nenhuma análise libera o sujeito de qualquer paixão. E o problema da paixão da ignorância, conforme pontuações de Lacan, está mais na natureza do saber, em suas consequências, do que na ignorância propriamente dita. Uma análise, qual uma catarata, no sentido verdadeiramente aristotélico, que não é de extração de afeto, mas, antes, de apreensão mais fina, habilita o sujeito aos afetos de temor e compaixão. Pois, quando o sujeito faz existir, para além da série dos ditos, um dizer que lhe sirva de nome próprio, o amor pode deixar de ser um demônio transferencial.

Referências bibliográficas

- Cazotte, J. (1776/1992). *O diabo enamorado*. Rio de Janeiro: Imago.
- Elia, L. (2008, dezembro). A letra na ciência e na psicanálise. *Estilos da Clínica*, São Paulo, 13(25). Recuperado de <https://www.revistas.usp.br/estic/article/view/46032/49657>
- Lacan, J. (1968). *O seminário, livro 15: o ato psicanalítico*. Publicação não comercial. (Lição de 10 de janeiro de 1968). Inédito.
- Freud, S. (1969-1976). A interpretação dos sonhos. In S. Freud. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 4-5). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1900)

- Freud, S. (1969-1976). Os instintos e suas vicissitudes. In S. Freud. *Obras psicológicas completas de Sigmund Freud* (Vol. 14). Rio de Janeiro: Imago. (Trabalho original publicado em 1915)
- Lacan, J. (1976-1977). *Le séminaire, livre 24 : l'insu que sait de l'une bévue s'aile à mourre*. Inédito.
- Lacan, J. (1979). *O seminário, livro 1: os escritos técnicos de Freud*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1953-1954)
- Lacan, J. (1985). *O seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1964)
- Lacan, J. (1985). *O seminário, livro 20: mais, ainda*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1972-1973)
- Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 8: a transferência*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1960-1961)
- Lacan, J. (1992). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1969-1970)
- Lacan, J. (1998). Formulações sobre a causalidade psíquica. In J. Lacan. *Escritos*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1946)
- Lacan, J. (1998). Função e campo da fala e da linguagem em psicanálise. In J. Lacan. *Escritos* (pp. 238-324). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1953)
- Lacan, J. (1998). Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In J. Lacan. *Escritos* (pp. 807-842). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed. (Trabalho original publicado em em 1960)
- Lacan, J. (2003). Proposição de 9 de outubro de 1967 sobre o psicanalista da Escola. In J. Lacan. *Outros escritos* (pp. 248-264). Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1967)
- Lacan, J. (2005). *O seminário, livro 10: a angústia*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1962-1963)
- Lacan, J. (2012). *O seminário, livro 19: ...ou pior*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. (Trabalho original publicado em 1971-1972)
- Quinet, A. (2021). *A política do psicanalista: do divã para a pólis*. Rio de Janeiro: Atos e Divãs Edições.
- Soler, C. (2011). *Les affects lacaniens*. Paris: Presses Universitaires de France.

Recebido: 01/12/2022

Aprovado: 15/12/2022